

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“A mídia local sempre foi muito agressiva com os movimentos porque pertence às famílias de ruralistas e especuladores que dominam a cidade. [...] Por isso essas parcerias com o pessoal das mídias alternativas são tão importantes.”

MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA

Quebrando a blindagem da mídia tradicional

Vinicius Souza¹
Maria Eugênia Sá²

Marcos é líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde começou a ter contato com a luta pela moradia na cidade, atualmente com cerca de 30 mil pessoas vivendo em ocupações. Sua primeira experiência nesse campo foi durante a Ocupação Ceasa, que tinha 3.000 famílias e foi destruída em 2011. Muitas dessas famílias migraram para a Ocupação do Glória, com 2.350 famílias e quase foi desocupada em 2016. Um dos motivos para a vitória foi a integração entre o Movimento Sem Teto do Brasil (MSTB) e o MTST. Além da ocupação Fidel Castro, com 700 famílias, organizada diretamente pelo MTST, o movimento atua em parceira nas ocupações do Maná (1.200 famílias) e Zaire Resende (2.200). Para Marcos, o grande diferencial do MTST é a metodologia, que não se encerra na conquista da moradia, mas participa ativamente de lutas mais amplas, tem formação política e cultural e atividade midiática por meio de redes sociais como o Facebook, com mais de 100 mil curtidas. A novidade nessa área é um aplicativo de notícias por celular que está sendo testado e já tem mais de mil downloads.

¹ Jornalista, fotógrafo e professor. Tem doutorado em Comunicação pela UNIP e atualmente leciona jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia. Membro fundador do coletivo Jornalistas Livres é ativista há décadas pela democratização dos meios de comunicação e colaborador de diversos veículos. E-mail: vgpsouza@uol.com.br

² Fotógrafa, documentarista e sócia da MediaQuatro (www.mediaquatro.com), onde realiza trabalhos de jornalismo independente há 20 anos para veículos como Carta Capital, Caros Amigos, Agência Pública e Jornalistas Livres. Tem dois livros de fotografia e dezenas de exposições em todo o mundo. E-mail: mge_sa@yahoo.com.br

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade, especificamente em Uberlândia? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Eu sou de Goiás, de uma cidade chamada Rio Verde, e estou em Uberlândia, para onde vim fazer primeiro a graduação e agora o mestrado em Ciências Sociais na UFU, há oito anos. Meu primeiro contato com os movimentos sociais, primeiro o estudantil e depois os de moradia, foi em 2011, quando acompanhamos a brutal desocupação da Ocupação Ceasa, que era enorme e tinha entre 3.000 e 4.000 famílias, e foi feita com os tratores passando por cima de barracos ainda com pertences dos moradores para dar lugar a um cemitério. Parte das famílias iniciaram a Ocupação do Glória, em janeiro do ano seguinte, numa área que pertence à UFU. E o movimento lá, o MSTB, foi bastante esperto em buscar apoio dentro da universidade, levando à criação de uma rede de apoio e como eu fazia parte do movimento estudantil, passei a acompanhar mais de perto a situação das famílias e ajudar na organização dessa rede. Uberlândia sempre foi caracterizada por ter vários movimentos de luta pela terra. Diferente de outras regiões, não há a hegemonia de um único movimento e muitos migraram do campo para a cidade durante os governos petistas pela dificuldade da reforma agrária, apesar dos avanços em outras áreas. Aqui, a região é muito forte no agronegócio, então, como a luta no campo estava estagnada e a luta por moradia, querendo ou não, estava pulsando, muitas dessas lideranças da luta pela reforma agrária vieram para a cidade. Foi isso na Ocupação do Ceasa, foi isso na Ocupação do Glória, onde a maior liderança que tinha lá, o Marrom, foi formado no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e depois foi Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST).

Outro movimento importante é a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que tem história em ocupações urbanas como os bairros como Dom Almir, Prosperidade, Celebidades e Zaire Resende, formados a partir de ocupações nos anos 1990 e 2000. Se o Ceasa e o Glória são muito importantes como marcos na luta urbana, é também fruto disso. A CPT funciona como uma espécie de assessoria, além de ajudar na organização. O problema é que quando as ocupações viram bairro sempre tem o perigo de se perder a memória da luta, com as pessoas que moram lá não se reconhecendo mais nos movimentos. Se bem que quando começa uma nova ocupação, normalmente é desses bairros que vêm muitos que já não conseguem pagar aluguel. É uma coisa mesmo meio contraditória.

Eu vim do movimento estudantil, que foi importante, mas quando você começa a ficar mais velho na universidade começa a ver as contradições e as limitações que um movimento de classe média tem. Eu passei a me dedicar mais às ocupações, acordando domingo 5 horas da manhã para ir para a ocupação. Afinal, é um perfil de militância que exige uma dedicação maior e eu acabei gostando dessa dinâmica.

Em 2013, eu participei de quase todas as manifestações de rua na cidade e percebi uma mudança em como a sociedade estava vendo as lutas. Mesmo a periferia não tendo participado ativamente das manifestações, parece que chegou um recado de que era permitido lutar, porque até então a cultura existente era que lutar era coisa de vagabundo. As manifestações de junho questionaram isso e a própria mídia teve de ceder e começar a reconhecer a importância de se ocupar as ruas. E, pelo menos num momento inicial, a luta contra o aumento nas tarifas de transporte público deu certo, mostrando não somente que era legítima, como também que poderia ser vitoriosa. Ao mesmo tempo, o Glória começava a se consolidar. Com a rede de apoio, diálogo com a reitoria, eles conseguiram ganhar tempo e em ocupações, tempo é consolidação. E qual era a pauta concreta nas periferias? Era a questão da moradia. Você tem um boom na especulação imobiliária entre 2011 e 2013, com o aluguel subindo muito e os salários não subiam na mesma medida. E Uberlândia é caracterizada pelos grandes latifúndios urbanos. Tem famílias que têm fazendas no meio da cidade. Então, em junho de 2013, o pessoal começou a ocupar tudo o que podia. Tínhamos na época quase 20 mil famílias acampadas. Tinha família ocupando campo de futebol vazio.

Nesse contexto, por intermédio da CPT, se formou um Fórum de Luta Urbana porque teve muito movimento que surgiu de forma espontânea, como, por exemplo, a Ocupação Maná, no bairro do Morumbi. O pessoal não vinha da luta agrária, era um pessoal apertado pelo aluguel que viu o exemplo do Glória, das manifestações de rua e ocupou um vazio que existia ao lado do bairro em que morava. O fórum foi uma forma de juntar e organizar essas lutas e se constituiu uma grande força na época.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças? Cite exemplos.

Aqui, em Uberlândia, a relação da imprensa com os movimentos de luta, seja urbana ou rural, sempre foi de uma postura em grande parte agressiva. Primeiro porque a maioria das famílias que são donas das grandes corporações de mídia da cidade também são as ruralistas ou envolvidas com imobiliárias e construtoras. A expressão disso é a família do Tubal Vilela, por exemplo, que foi prefeito da cidade na década de 1950 e dono da primeira e maior imobiliária do município. Mesmo tendo assassinado a esposa pelas costas por ciúmes, segue dando nome à principal praça do centro. Seu filho, Tubal Siqueira Silva, é dono da Rede Integração, afiliada à Rede Globo com a maior cobertura no estado de Minas Gerais. O neto, Rogério Neri de Siqueira Silva, foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia e diretor da Associação Mineira de Rádio e Televisão, tendo sido por um breve período secretário estadual de Desenvolvimento Econômico.

Por mais que algo tenha mudado em 2013, uma coisa era a mídia lidar com essas manifestações, outra coisa era lidar com os movimentos populares. No final de 2013, por exemplo, o movimento

sem teto ocupou uma granja abandonada pertencente a uma fazenda dentro da cidade. Só que um dos donos da área era ligado à TV Integração e à TV Vitoriosa [afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)] e a reação foi imediata. Eles faziam reportagens quase todos os dias com acusações de que o pessoal estava vendendo lotes, imagine, a R\$ 30,00, o que é absurdo. O ataque foi constante e massivo, chamando movimento de vagabundo e tal, atacando até o prefeito na época, o Gilmar Machado, do Partido dos Trabalhadores, desgastando a imagem de ambos e tornando a situação complicada. Tanto é que o movimento teve de recuar e fazer uma espécie de acordo com a prefeitura para a desocupação em troca da desapropriação de duas áreas, o Maná e o Canaã. Mas não dá para dizer que também não há contradições dentro da própria mídia.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

O retrato é sempre estereotipado. No Brasil, eu diria que a luta de classes está expressa até mesmo no uso dos termos. Não se fala em ocupação, eles chamam de invasão. Não são ocupantes, são invasores. Não chamam de manifestantes, chamam de vândalos, de terroristas. Nós tivemos uma questão mais dura, por exemplo, quando a área ocupada era dos donos da Globo, mas o mais engraçado é que a rede de TV que tem a postura mais honesta e às vezes até fala bem dos movimentos é a própria Globo, se você pega as reportagens sobre o Glória ou até mesmo outras áreas. Outra postura é a do SBT, com o programa matutino Chumbo Grosso, que tem uma pegada mais sensacionalista e personalista. Então chama os advogados, apela para um lado emocional, não vai fazer nunca a discussão. Não que a Globo faça, mas os programas têm repórteres que às vezes são dialogáveis. Piores ainda são as outras redes, Record e Bandeirantes, onde a postura é sempre sensacionalista, chamando de vagabundo pra baixo. Então é importante encontrar essas contradições e dialogar quando for possível, obviamente quando não for no terreno deles porque aí não tem conversa, e usar isso a favor dos movimentos. E querendo ou não, pela CPT ter um histórico de mais de 30 anos de luta na cidade, eles desenvolveram um respeito principalmente em relação às figuras do Frei Rodrigo e do advogado Dr. Igino, que são sempre consultados e às vezes chamados para programas ao vivo.

Outra mídia regional importante por ser impresso, mas principalmente por sua inserção na Internet era o jornal Correio de Uberlândia, que fechou em dezembro de 2016. Apesar de ser conservador sempre fez a cobertura, que variava de uma crítica mais rasteira a reportagens mais honestas. Mas nunca deixou de procurar a gente, seja sobre o Glória, seja sobre outras manifestações com pautas nacionais como fechamento de rodovias, por mais que tivesse um caráter de direita. Talvez tenha deixado um vazio na cidade, que nenhum outro órgão conseguiu ocupar.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Há sim. Mas o pior é que tentam se vender enquanto neutros. Em outros países, por exemplo, você tem jornais que são claramente de direita, outros que são abertamente de esquerda. Eles não têm vergonha de dizer o que eles são. A mídia no Brasil insiste em passar por isenta, mas em grande parte é de direita, ligada a famílias tradicionais, oligopólios, ruralistas... São poucas as famílias que administram a mídia. E, como disse antes, usam os termos como ferramenta de luta ideológica. Não chamam de golpe, chamam de Impeachment, num descompasso brutal do que a mídia internacional mostra. Se você pegar as manifestações da greve geral de 28 de abril, por exemplo, os veículos internacionais noticiaram o que aconteceu. Aqui tentaram dizer que não houve greve geral, que foi pífia, reforçando o discurso do governo golpista.

Em segundo lugar, a porcentagem da mídia privada no Brasil é enorme, é de quase 99%. Isso não significa que em outros países não existe mídia privada. Mas há um equilíbrio maior entre setor privado, setor público e setor estatal. Isso seria democratizar a mídia. A gente não quer necessariamente acabar com a mídia privada, estatizar tudo, comunismo. Não, mas deveria haver uma paridade entre esses setores e isso não acontece no Brasil. A Globo é dona de TV, de jornal, de revista, de rádio, de portal de Internet, de provedor. É dona de TV a cabo, é dona do aparelho que recebe a TV a cabo, da torre, do satélite... Isso não existe. O que existia de TV pública, com o governo golpista, está sendo eliminado. Um exemplo é a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) que está sendo destruída, acabando com a TV Brasil, que tinha um noticiário um pouco mais equilibrado.

Esses pontos, infelizmente, nunca foram tocados, nem mesmo pelos governos mais de esquerda do Partido dos Trabalhadores. Vamos ver agora, se com o Lula [Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil entre 2003 e 2010] a coisa muda. Pelo menos agora ele está adotando um discurso de enfrentamento a esses oligopólios, de combater o “candidato do Plim-Plim” [referindo-se ao som da vinheta de intervalo comercial da Globo]. Vamos ver... Agora só acredito vendo.

A mídia alternativa tem conseguido furar um pouco esse bloqueio e tem uma posição bem mais à esquerda. Aqui em Uberlândia, como eu disse, existe nossa produção própria e a Mídia Ninja e os Jornalistas Livres, que basicamente nos últimos dois anos começaram a se inserir mais na cidade e ter uma produção e divulgação mais organizadas. Isso faz a diferença porque eles conseguem dar uma projeção nacional às questões locais. Por exemplo, um problema que a gente tinha na cidade, era conseguir realizar manifestações com 15 mil pessoas ou mais [a cidade tem cerca de 600 mil habitantes] e corria o risco disso morrer aqui. Ninguém sabia, nem na cidade. Se você não está no mapa das mídias, você não existe. Deve ter cidade que está fazendo coisas interessantes, mas a gente não sabe por que não é divulgado. Em Uberlândia acontecia isso um pouco. Agora, você minimamente tem essa inserção nacional e também local. Às vezes tem uma

pessoa que é da cidade, que não foi ao ato, não viu na mídia tradicional aqui, as viu nos Jornalistas Livres, viu na página da Mídia Ninja e passa a se interessar, a querer participar do próximo. É uma coisa que você joga para o nacional e volta para o local. É importante inserir a cidade e suas lutas no cenário das mídias alternativas nacionais, atingindo pessoas que nunca saberiam disse através dos sindicatos, dos movimentos.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

A gente teve dois tipos de contato com mídia internacional. Um foi um rapaz que Suíça que trabalha numa agência ligada à ONU, que fez um minidocumentário sobre as ocupações em Uberlândia, em 2015, especialmente o Glória [considerada a maior ocupação urbana da América Latina atualmente, com 2.350 famílias e mais de 15 mil pessoas vivendo em um terreno a UFU ao lado da Rodovia Federal BR 050]. O documentário foi transmitido em conferências da ONU e teve uma repercussão legal. Isso aconteceu por um contato do Frei Rodrigo, que tem uma inserção internacional muito grande. Tivemos também contato com um rapaz da Austrália, que mora na Rússia, que está escrevendo um livro sobre o MTST e veio a Uberlândia conhecer a história do MTST na cidade. Mas nunca tivemos de outros veículos internacionais aqui. Só o movimento nacional, que aí sim o Guilherme Boulos [coordenador nacional do MTST] dá sempre entrevistas para veículos como o El País e outros. Isso geralmente fica mais centrado em São Paulo, um pouco Rio de Janeiro.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

A grande novidade em termos de comunicação são as mídias alternativas como a Mídia Ninja e os Jornalistas Livres. Apesar do Fora do Eixo, berço dos Ninja, ter nascido na cidade, num primeiro momento, em 2013, eles estavam mais concentrados em Belo Horizonte e somente agora retornaram a Uberlândia. [Os Jornalistas Livres foram fundados em março de 2015 e atuam na cidade desde abril de 2016]. O MTST e a CPT têm uma produção própria para divulgação, especialmente pelo próprio Frei Rodrigo que sempre leva o celular, registra e tem bom alcance nas postagens nas redes sociais. Coincidiu de eu também trabalhar profissionalmente com audiovisual e produzir vários pequenos documentários sobre o Glória e o Maná na perspectiva de divulgar a luta. Mas conforme eu fui assumindo a coordenação no MTST, atuando na linha de frente, consumindo mais meu tempo, tenho tido dificuldades em desenvolver os dois papéis. É

impossível coordenar um ato em cima do carro de som e ao mesmo tempo fazer a cobertura audiovisual.

É essencial a parceria com a Mídia Ninja e os Jornalistas Livres porque nós nunca tivemos um nível de organização para isso. O trabalho de mídia não é somente o registro e jogar na rede. Envolve disciplina de postagem, de acompanhamento, para que haja um alcance maior na divulgação, o que exige uma equipe que a gente nunca teve. Às vezes até colocamos os jornalistas independentes como administradores de nossas redes para que possam postar diretamente seus conteúdos ou os nossos para ajudar processo de divulgação.

Ter esse processo de alguém pensando a divulgação é essencial. Um exemplo foram as manifestações de 31 de março, quando fechamos algumas rodovias e a repressão policial foi brutal. Já chegaram atirando, não houve qualquer possibilidade de diálogo. O que fez “bombar” a notícia foram os vídeos da Mídia Ninja e dos Jornalistas Livres, com a divulgação imediata, quebrando a blindagem da mídia tradicional. Antigamente, se eles não publicassem um fato, era praticamente como se esse fato nunca tivesse existido. Hoje está difícil fazer isso com uma página da Mídia Ninja que tem mais de um milhão de curtidas. O vídeo dos Ninja teve, acho, 50 mil visualizações e dos Jornalistas Livres mais de 8 mil. Imagina colocar todo esse povo na rua, manifestando? É significativo. E repercute não só nas páginas deles, porque a gente replica na página do movimento nacional, na da frente, em individuais... A repercussão é tanta que chega a causar certo constrangimento até na polícia, que teve de se reunir com a gente posteriormente e ir para a grande imprensa dizer que nós atacamos primeiro, que lançamos pedras e tal. Tiveram de se dar ao trabalho de construir sua contra narrativa, o que revela um cenário de disputa que antes não existia.

Qual o papel dos movimentos sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos?

Eu diria que sim e não. Os movimentos sociais sempre foram responsáveis pela luta, pela garantia dos direitos e pela democracia. Esses três temas permanecem. Acontece que atualmente isso está agudizado. O conflito está muito mais escancarado e num nível de contradição, que é enorme, pelo contexto do golpe de Estado. Não que o governo Dilma não viesse já atacando os direitos. A política de ajuste fiscal que o governo do PT vinha fazendo já era uma política de ataque aos direitos da classe trabalhadora e talvez até fizesse as reformas que o Temer [Michel Temer, do PMDB, vice-presidente que assumiu o governo com o golpe] está fazendo. A questão é que para os ganhos de capital na conjuntura de crise internacional, nem o governo da Dilma servia mais. Era necessário fazer rápido e fazer brutal. Por isso o Temer. Olha o que ele está fazendo e de que forma. Essa lei de terceirização que foi aprovada, por exemplo, permitindo a terceirização de qualquer trabalho, mesmo as atividades-fim das empresas e com contratos temporários de nove meses, não é brincadeira. Há, ainda, o congelamento dos gastos sociais por 20 anos, que também

já foi aprovado. Imagina o que isso vai ser. E é uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC), que para um novo governo mudar vai ser necessário dois terços do Congresso para reverter.

Podemos ter um presidente de esquerda que vai estar amarrado por essas mudanças. E tem também a reforma trabalhista e a da Previdência sendo votadas, que representam um enorme retrocesso ao país. O que está sendo proposto para de reforma trabalhista no campo é simplesmente a volta à escravidão, com trabalhadores sendo pagos não com dinheiro, mas com comida e casa. O que estão querendo fazer com os indígenas, brecando demarcações, é praticamente o fim da Fundação Nacional do Índio (Funai), tanto que o presidente da entidade, um pastor evangélico de direita [Antônio Fernandes Toninho Costa], foi exonerado em maio e saiu dizendo que não ira compactuar com a corrupção e ficar submetido a um ministro ruralista. É um governo tão reacionário que às vezes até o povo da direita assusta.

Então, são os movimentos sociais, os sindicatos, os coletivos da juventude que minimamente estão freando o processo e segurando as pontas. Já vínhamos denunciando o discurso golpista, mas infelizmente o golpe aconteceu devido à força que a direita tem no Congresso, no Executivo, na mídia, no judiciário. Eles não têm apoio popular, mas têm todas essas estruturas. E nesse sentido a mídia tem um papel fundamental no golpe, no processo da retirada dos direitos, fazendo propaganda a favor dessas reformas. Não há debates. Há propaganda. É diferente.

Considerações finais

O MTST em Uberlândia atualmente está acompanhando diretamente a ocupação do Glória com 2.350 famílias, o Maná com 1.200 e o Zaire Resende II com 200, num total de 30 mil pessoas. O movimento tem também uma relação bastante orgânica com a CPT, que tem um leque de atividades ainda maior, acompanhando praticamente todas as ocupações urbanas da cidade. Em novembro do ano passado o MTST organizou sua primeira ocupação própria, a Fidel Castro com 700 famílias, com a bandeira do MTST e segundo o método nacional de organização. Em 2013, na esteira das grandes manifestações, o Fórum de Luta Urbana teve uma importância enorme, conseguindo colocar dez movimentos numa mesma mesa para debater e criar ações conjuntas e de apoio mútuo.

Naquela época, Marcos percebeu a força dos movimentos locais e também a necessidade de uma inserção nacional maior. Segundo ele, a questão do Glória precisava ter repercussão nacional para proteger seus moradores de um massacre como o que ocorreu no Pinheirinho, em São Paulo, em 2012. Enquanto isso, o MTST, que surgiu em 1997, também estava num momento de maior visibilidade nacional, principalmente devido às manifestações contra as desapropriações para a Copa do Mundo de Futebol de 2014. Um dos sucessos do movimento foi a ocupação no bairro de Itaquera, quase ao lado do estádio construído para a abertura do torneio na capital paulista. Guilherme Boulos chegou a dar uma grande entrevista do canal de notícias da Globo, a

GloboNews, assistida também em Uberlândia. “Eles estavam fazendo em nível nacional a mesma coisa que fazíamos em nível local e vimos que podíamos juntas forças, por isso procuramos o movimento”, diz.

Em fevereiro de 2015, Boulos vem a Uberlândia, conhece o Fórum e fica maravilhado com o nível de organização local. Com isso, os movimentos da cidade passaram a fazer parte da Frente Nacional de Resistência Urbana, da qual o MTST era membro, e participar dos calendários nacionais e manifestações nacionais, principalmente para reivindicar a implantação do programa federal de moradia popular Minha Casa Minha Vida III. A visibilidade dos movimentos é ampliada, local e nacionalmente, através da divulgação de suas ações também pelas mídias alternativas, como os Jornalistas Livres e a Mídia Ninja, quebrando em parte a imagem estereotipada mostrada na imprensa tradicional.

Com 20 anos de estrada completados em 2017, o MTST aprendeu com os erros e percebeu que precisa continuar mobilizando os trabalhadores sem teto mesmo depois de conquistadas as moradias. É a ampliação da luta para uma mudança radical da sociedade, controlando a participação de seus integrantes para além da busca pela casa própria, com listas de presença em assembleias, manifestações, mutirões, para que a conquista do lar se dê pela luta e não apenas pela fila cronológica de entrada na ocupação. E nesse processo se dá também a formação política e cultural de forma orgânica. Junta-se isso à divulgação pelas mídias alternativas e à quebra dos bloqueios da imprensa tradicional que já não podem deixar de noticiar os fatos para se garantir proteção aos ocupantes e uma representação midiática mais justa dos movimentos. Oxalá assim seja para os 30 mil trabalhadores nas ocupações de Uberlândia.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

